

Mary Midgley: a ciência como religião

Regina André Rebollo*

Mary Midgley (1919-) é professora aposentada da Universidade de Newcastle, na Inglaterra. Educada em Oxford na década de 1940, pertenceu ao seleto grupo de filósofas de Oxford, entre elas a escritora Iris Murdoch e as filósofas morais Elisabeth Anscombe, Philippa Foot e Mary Warnock. Seu trabalho caracteriza-se pela resistência à filosofia analítica que passa a ser praticada na época e que tende a considerar a filosofia moral e a metafísica um discurso desprovido de sentido.

A preocupação central de Midgley é estabelecer uma filosofia moral que respeite a natureza humana. Discordando de behavioristas e cientistas sociais radicais, Midgley sustenta a existência de uma *natureza* humana cujas necessidades, desejos e motivações devem fundamentar a vida moral. Partindo da etologia e da teoria da evolução, bem como da psicanálise, Midgley introduz no debate moral o caráter da *animalidade* humana apontando a necessidade de se dissolver a dicotomia *razão* e *emoção* ou *sentimento*.

Seu percurso pode ser assim resumido: há uma natureza humana; boa parte dessa natureza é comum aos animais; a *cultura* é determinada pela natureza humana e não o contrário. Porque temos uma determinada natureza, produzimos *cultura*; a vida moral não é uma invenção da cultura (e da História), mas uma consequência necessária da nossa natureza; essa natureza humana não se caracteriza nem pelo egoísmo prudente de Hobbes nem pela “luta e sobrevivência dos mais fortes” de Spencer, tampouco pelo gene egoísta da sociobiologia de Wilson e Dawkins; a natureza humana é caracterizada pelo altruísmo e pela cooperação, fato atestado pela nossa espécie e por todas as outras que aí estão, pois sobreviveram justamente por causa de um tipo de cooperação altruísta.

É investigando as raízes das interpretações extraídas de uma leitura equivocada e pessimista da teoria da evolução de Darwin que Midgley percebe como uma teoria científica pode se transformar em uma doutrina religiosa e sectarista.

Em dois de seus livros, *Evolution as Religion: Strange Hopes and Stranger Fears* (1985; 2010) e *Science as Salvation: A Modern Myth and its Meaning* (1992), Midgley investiga a maneira pela qual a cultura oficialmente secular e antireligiosa da ciência tornou-se uma *religião alternativa*. Ela mostra que visões de salvação, imortalidade, onisciência e onipotência, tão extravagantes como qualquer visão religiosa, podem ser encontradas com surpreendente frequência nos escritos de alguns cientistas, que frequentemente costumam julgar a filosofia e a teologia como especulações vazias.

Science as Salvation trata das estranhas especulações que surgem da física teórica, especialmente da cosmologia. O desejo de encontrar uma única estrutura impregnante de pensamento capaz de responder a todas as questões, tanto factuais quanto espirituais, não desapareceu com a teocracia da ciência, mas foi transferida da religião atual para a ciência, substituindo-a. Apresenta como exemplos as visões de Richard Dawkins e Stephen Hawking.

* Universidade São Judas Tadeu-SP, Brasil. E-mail: prof.haniger@saojudas.br

Evolution as religion é uma resposta aos críticos de *Beast and man: the roots of human nature*. Publicado primeiramente em 1985, nele Midgley examina vários aspectos das ideias semirreligiosas baseadas na teoria da evolução. Segundo Midgley, a teoria da evolução de Darwin competiu com o tema central da teologia natural e da religião tais como a origem e o destino do homem. Mesmo que Darwin tenha evitado tais aproximações, em sua época e ainda hoje, muitos enfaticamente o fazem. A teoria da evolução tem sido utilizada para veicular muitas ideias estranhas que buscam iluminar o sentido da vida, o destino e o propósito da raça humana, buscando, muitas vezes, uma maneira de explicar *tudo* que existe.

Para Midgley, existiriam duas variantes da visão do nosso destino baseadas na teoria da evolução: uma, que ela chama de “fantasia panglossiana”, que concebe a evolução como uma *progressão linear ascendente*, na qual o homem ocupa a posição mais alta. Esse progresso ou direção ascendente (que, cabe lembrar, nunca foi postulado por Darwin), culminaria num ser super-humano, com superpoderes intelectuais, capaz de criar uma hiperteoria ou uma teoria sobre *tudo*.

A outra visão, oposta a chamada “fantasia panglossiana”, é a visão pessimista da natureza “red in tooth and claw” (vermelha nos dentes e nas garras). Segundo tal visão, a principal lição da evolução é que a vida é governada pela lei do egoísmo cruel. Para essa concepção, o altruísmo genuíno e até mesmo a cooperação que não se baseiam no cálculo egoísta das vantagens pessoais, seriam impossíveis. Assim, as tentativas de fundamentar a ética nos valores do altruísmo seriam equivocadas e deveriam ser abandonadas. Embora não pareça ser uma idéia religiosa, Midgley mostra que ela possui analogias significativas com muitas crenças religiosas: o *drama* descrito por tais relatos, como ela afirma, constitui uma verdadeira *fé* e em certo sentido uma religião.

Segundo Midgley, a teoria da evolução, por causa de sua abrangência e implicações metafísicas sobre a origem humana, é uma poderosa narrativa. Qualquer narrativa como essa tem uma grande força simbólica. A maior parte das histórias sobre a origem do homem foi planejada puramente como uma visão simbólica e poética. Sugestões de como fomos criados e de onde viemos envolvem a nossa imaginação, configuram nossas visões do que somos hoje, e isso afeta profundamente as nossas vidas. Quando cientistas se acham nesse universo simbólico, algumas vezes reclamam de estar se afastando da ciência. Mas isso parece ser lógica e psicologicamente impossível. Segundo Midgley, nossa curiosidade teórica simplesmente não está separada de nossas vidas. Muitos cientistas, sem o saber, promovem sistemas simbólicos como parte ideal da ciência. Em geral, o drama teístico é substituído por outro aparato simbólico.

A ciência é pensada como pura e impessoal, em completa abstração de todos os motivos que levam as pessoas a praticá-la. Isso não funciona, justamente por causa da importância da *imagem do mundo*. Os fatos não são recolhidos em um vácuo, mas preenchem vazios em uma *imagem do mundo* que preexiste. E a configuração dessa imagem do mundo – determinando as questões permitidas, os princípios de seleção, a série possível de ênfases – depende profundamente dos motivos para formá-las. Nossa imaginação, que guia o pensamento, é direcionada por nossas atitudes e motivações.

Motivações predatórias e competitivas tendem a produzir uma *imagem* dominada pela competição e predação, aquela na qual esses elementos não somente cumprem seu papel, como para Darwin, mas são arbitrariamente e dogmaticamente isolados como regras puras. Tais fantasias não possuem apoio de evidências empíricas e muitas vezes a elas se contrapõem. Uma vez que cientistas desejam ser tão imparciais, tais imagens de mundo não deveriam interferir em seu trabalho. Mas isso é um ideal. Para Midgley, um investigador isento de uma imagem de mundo é apenas um colecionador de fatos. Ele não seria uma pessoa sem atitudes, ou sem motivos especiais, mas uma com motivos errados, suficientes para inibir o tipo de atividade organizativa que normalmente configura as ideias em um tipo de totalidade coerente. Bons cientistas não se aproximam desse ideal de ciência. Eles tendem a ter um sistema de orientação da

imaginação muito forte. Sua imagem do mundo é usualmente positiva e singular, aquela que contém um “drama” especial. Eles não são neutros, são conscientes dele e não o evitam, criticando-o abertamente e cuidadosamente oferecendo ao leitor uma opção de escolha.

Dessa maneira, o simbolismo não é um ruído que precisa ser evitado. Ele é essencial. Segundo Midgley, os fatos não são coisas brutas, sem sentido. Eles se organizam em algum tipo de história, de *drama*. Muitas vezes, tais dramas podem ser perigosos. Eles podem distorcer uma teoria, como no caso da teoria da evolução. A única maneira de evitar tal coisa é enfrentar e esclarecer a distorção, discuti-la, e entender o seu significado para a ciência e para a vida.

No entender de Midgley, o drama que acompanha uma teoria é seu aspecto expressivo, imaginativo e emocional. Na ordem temporal, é muitas vezes concebido de maneira tosca antes da busca pelas evidências para posteriormente ser refinado e sutilizado. Uma vez que a questão não é evitar uma imagem do mundo, mas formar boas imagens do mundo, este processo é uma questão crucial para a ciência real.

Ciência e religião de fato competiriam? Em *Evolution as Religion: Stranger Hopes and Stranger Fears* (1985), Midgley afirma que em algum ponto do século dezenove (após a publicação da teoria darwinista das espécies), ciência e religião deram início a uma guerra sustentada por feudos, que em certo sentido marcam até os nossos dias uma guerra feroz entre a ciência e a religião. Desde então, ou a ciência (da evolução) é acusada de ser amoral e desumana ou bem a religião é considerada anticientífica e obscurantista. Essa guerra é nesta obra objeto de investigação de Midgley. Na época, a questão não era vista como uma guerra entre a ciência e a religião, mas sim como uma separação radical entre os dois. A instituição científica oficial era o principal oponente de Darwin, na pessoa de clérigos que haviam estabelecido a idade bíblica da terra.

Para Midgley, o confronto entre ciência e religião só acontece quando ambas competem, quando são rivais no cumprimento do mesmo dever. Quando a religião é invocada contra a ciência em uma questão factual empírica, como no confronto entre as ideias bíblicas e a cosmologia, ou no caso da “ciência criacionista”, o que está em choque não é a religião ou o cristianismo, mas uma interpretação particular da Bíblia, como literalmente verdadeira e inspirada divinamente. Outros cristãos discordam dessa interpretação literal, entendendo que muitas coisas na Bíblia conflitam com a ciência, a moral, a história e o senso-comum, devendo por isso ser lida como uma interpretação metafórica e simbólica. Nesse caso, o confronto é entre perspectivas religiosas e não entre a ciência e a religião propriamente ditas.

Para analisar o problema, Midgley se concentra nos casos opostos, isto é, nos casos em que as doutrinas são vistas como científicas, mas não são, e cujo esforço de persuasão se deve ao serviço de algumas das funções da religião, ainda que elas sejam vistas por seus promotores como hostis à “religião” enquanto tal. Muitas vezes, elas são oferecidas como substitutos da religião, fornecendo alimento espiritual e salvação para os homens.

Segundo Midgley, o efeito é duplamente estranho: tais doutrinas não apenas carecem de argumentos apropriados para recomendá-las em seu novo e salvador papel, mas elas conflitam com as teorias genuinamente científicas que supostamente fornecem seus fundamentos e justificam seu nome.

Para entender a questão é preciso ter uma idéia mais clara dos dois domínios, pois o confronto parece resultar de uma confusão entre a divisão entre essas duas esferas. Segundo Midgley, Dobzhansky, no seu *The Biology of Ultimate Concern* (1971), fez uma sugestão muito útil para dividi-las: “ciência e religião lidam com diferentes aspectos da existência [...]. A ciência lida com o aspecto do *fato* e a religião com o aspecto do *sentido* ou *significado* (Midgley, 1985, p. 15).

Mas qual seria a província do *sentido*? O *sentido* é talvez melhor pensado como o modo em que os fatos se conectam para formar o que chamamos de uma *imagem do mundo* – que é o sistema de pensamento

subjacente pelo qual organizamos ou ordenamos nossas experiências. Um fato bruto sem sentido é aquele que não podemos encaixar nesse sistema. Tal sistema é uma totalidade relacionada a um propósito, nossos próprios propósitos e de outros, dos quais estamos todos conscientes. Cada sistema possui um centro, um núcleo e quanto mais próximo o fato se encontra dele mais sentido ele possui. O problema hoje, segundo Midgley, é que nossas mais ambiciosas investigações fluem para fora dessa região central.

Mas o que distingue a religião de outras fontes de sentido? O que torna um sistema religioso e quantas religiões existem, indaga Midgley. Para ilustrar, relata o seguinte episódio: na Segunda Guerra Mundial, no momento em que os recrutas respondiam à pergunta sobre sua religião, um deles respondeu: *marxista-leninista-dialético-materialista*. O recruta estava falando da sua fé, do propósito da sua vida. A fé não é primariamente uma crença factual, a aceitação de algumas proposições extras como “Deus existe” ou “haverá uma revolução”. É, ao invés disso, o sentimento ou a percepção de ter um papel em um lugar maior daquele que nós ocupamos e que vale a pena sacrificarmos-nos por ele. Esse sentido não envolve nenhuma crença factual extra. O que ele envolve é uma mudança de atitude em relação aos fatos que nós já aceitamos, mudanças na conexão, na ênfase, na atenção, na seleção, no sentido e na importância atreladas aos particulares, resumindo, uma mudança da *imagem do mundo*.

Nem toda fé é religiosa. Contra a religião, a fé na ciência ou na razão é frequentemente invocada. E é essa fé que se torna uma religião. Comte, por exemplo, acreditava em uma “religião da humanidade” e na ideia do progresso da ciência como gerador de um novo homem.

Segundo Midgley, duas féis seculares marcaram o século XX: o marxismo e o evolucionismo. Como as grandes religiões, ambas possuem um ambicioso sistema de pensamento de grande alcance desenhado para articular, defender e justificar suas teses, ou seja, são verdadeiras *ideologias*. Como algumas religiões, como o budismo, aqui não há a presença de um Deus criador. Tampouco a ideia da imortalidade da alma, como para o judaísmo.

A ideia é a de que o marxismo e o evolucionismo são utilizados como uma religião porque são sistemas de pensamento de grande impacto, são credos dominantes, féis explícitas pelas quais as pessoas vivem e pelas quais elas tentam converter os demais. Elas tendem a alterar o mundo. O seu apelo repousa no seu poder de dar sentido ao mundo, assustador e caótico, dramatizando-o. O problema é que isso é ainda mais assustador.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DOBZHANSKY, Theodosius. *The biology of ultimate concern*. Londres: Fontana, 1971.

MIDGLEY, Mary. *Beast and man: the roots of human nature*. Londres: Routledge, 2002.

_____. *Evolution as a religion: strange hopes and stranger fears*. Londres: Methuen, 1985.

_____. *Science as salvation: a modern myth and its meaning*. Londres: Routledge, 1992.

_____. *Science and poetry*. Londres: Routledge, 2001.

_____. *The myths we live by*. Londres: Routledge, 2003.